



Metade do plenário estava vazia quando Sarney fez discurso

## Sarney afirma na ONU que manterá programa nuclear

O Brasil continuará com o seu programa de desenvolvimento da energia nuclear, assegurou ontem, em Nova Iorque, o presidente José Sarney ao discursar na reunião sobre desarmamento das Nações Unidas. Ele condenou a política das grandes potências que, em nome da segurança militar, realizam testes com armas nucleares. Sarney falou para uma reduzida platéia, em que as únicas personalidades conhecidas eram o representante dos Estados Unidos na Onu, Vernon Walters, e o vice-presidente de Cuba, Carlos Rafael Rodríguez. No imenso plenário, metade das cadeiras estava desocupada. No lugar reservado à União Soviética, o único ocupante - um jovem diplomata - passou o discurso lendo uma revista americana.

Redigido especialmente para consumo interno - aliás, uma prática corriqueira entre os líderes de grandes e pequenas potências interessados em ampliar o prestígio junto à população de seus países com atividades de política externa -, o discurso do presidente Sarney foi salpicado de justificativas para a sua viagem a Nova Iorque.

Elogiando a diminuição das tensões internacionais resultantes dos dois últimos encontros entre o presidente Ronald Reagan e o

líder soviético Mikhail Gorbachev, Sarney afirmou que os problemas da guerra e da paz são importantes demais para serem discutidos apenas pelas grandes potências. "A tarefa de salvação é de todos, sem exclusão de ninguém", considerou, lembrando que a destruição possibilitada pelas armas nucleares modernas não escolheria entre ricos e pobres, grandes e pequenos. "Por maiores que sejam os arsenais das grandes potências, o desarmamento não pode ser apenas uma discussão a dois", disse o presidente, referindo-se às negociações entre Washington e Moscou.

O presidente brasileiro reiterou sua preocupação com a militarização do espaço, o que soou como uma crítica especialmente dirigida ao programa Guerra nas Estrelas, do presidente Ronald Reagan. Sarney incluiu também no seu pronunciamento uma tradicional crítica feita pelas nações em desenvolvimento ao bloco desenvolvido sempre que discutem questões de desarmamento. "É trágica para nós a constatação da massa gigantesca de recursos postos à disposição da tecnologia das armas e o quanto são cada vez menores os recursos destinados ao combate da pobreza absoluta", comentou Sarney.

## Presidente sente-se mais livre

Roberto Garcia  
Correspondente

NOVA IORQUE — "O presidente Sarney está mais livre hoje do que jamais esteve e tem um projeto. Ele quer realizá-lo". A afirmação foi feita ontem, em Nova Iorque, pelo chanceler Abreu Sodré. Na sua primeira viagem ao exterior após assegurar cinco anos de mandato, Sarney e sua equipe mais íntima de assessores têm apregoado que nos 21 meses que lhe restam de governo o presidente quer fazer mais e melhor do que já fez desde a sua posse e definir a forma como irá passar à História.

A viagem está sendo uma oportunidade para Sarney saborear um período sem as pressões às quais se havia acostumado nos últimos meses. Em vez da sucessão de fracassos, como seus opositores geralmente pintam os três anos difíceis de transição política que Sarney liderou, ele olha para trás e vê muitos sucessos. No encontro com o primeiro-ministro israelense, por exemplo, ele afirmou orgulhoso que a economia brasileira cresceu 21,7% nesse período. "Tendo em vista as dificuldades que todos enfrentamos, este é um desempenho que a maior parte dos países do planeta gostaria de ostentar", assegura Napoleão Sabóia, um maranhense radicado em Paris que o presidente levou há alguns meses para Brasília, como seu assessor.

Nos planos do governo para os próximos meses está a continuação da política de austeridade econômica, com o objetivo de reduzir o déficit público e a inflação, criando assim condições para a economia deslanchar no

último ano de mandato. Conversando relaxadamente no bar do Hotel Intercontinental na noite de segunda-feira, o assessor do Planalto e ex-genro Jorge Murad comentou com uma ponta de inveja a estratégia usada pelo prefeito Jânio Quadros em São Paulo: investir todas as fichas no tempo que ainda lhe resta de governo. Segundo ele, seu ex-sogra gostaria de fazer algo parecido - cortar agora e juntar os recursos economizados com aqueles obtidos no exterior a fim de 'embelezar o país em 1989'. Na mesa ao lado, fumando um charuto cubano, Abreu Sodré foi ainda mais longe. "Se as coisas derem certo, Sarney pode se tornar um grande eleitor nas próximas eleições presidenciais", acredita.

Nas conversas com líderes estrangeiros, Sarney teria confirmado, segundo seus assessores, sua impressão de que o país está numa posição privilegiada, apesar das dificuldades. Na versão presidencial, o Brasil teria, inclusive, condições para ajudar países vizinhos e amigos como o Paraguai, Suriname e Bolívia, sem grandes sacrifícios. No principal dia de sua visita a Nova Iorque, Sarney almoçou no restaurante italiano Giambelli, em Manhattan, com um grupo de deputados brasileiros que integram sua comitiva. Mais tarde, concedeu uma breve entrevista ao programa de notícias em espanhol da rede de televisão CNN e visitou uma exposição de arte contemporânea brasileira no Instituto de Artes e Recursos Urbanos. À noite, compareceu a um jantar oferecido pelo presidente português Mário Soares a vários chefes de Estado que participam da reunião da ONU.